

MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

FUNDAÇÃO

FERNANDO  
HENRIQUE  
CARDOSO

SEMINÁRIO  
INTERNACIONAL



# O artefato como documento: práticas, desafios e caminhos possíveis

CADERNO DE RESUMOS

## PROMOÇÃO:

F U N D A Ç Ã O

---

F E R N A N D O  
H E N R I Q U E  
C A R D O S O

## REALIZAÇÃO:



**Lei Rouanet**  
Incentivo a  
Projetos Culturais

### PATROCÍNIO OURO



**Banco Safra**

### PATROCÍNIO PRATA



institutos  
YDUQS

ibmec



### PATROCÍNIO BRONZE

Banco  
**Daycoval**



**pwc**

### REALIZAÇÃO

F U N D A Ç Ã O  
F E R N A N D O  
H E N R I Q U E  
C A R D O S O

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



FUNDAÇÃO

FERNANDO

HENRIQUE

CARDOSO



# O artefato como documento: práticas, desafios e caminhos possíveis

CADERNO DE RESUMOS

Evento on-line  
**3 e 4 de setembro de 2025**

Transmissão via  
Plataforma Zoom

Com recursos de acessibilidade e tradução simultânea

Copyright© 2025 dos autores

Todos os direitos desta edição reservados à  
Fundação Fernando Henrique Cardoso – FFHC

Rua Formosa, 367 - 6º andar - Centro Histórico de São Paulo 01049-  
911 – São Paulo – SP  
Site: <https://fundacaofhc.org.br>

Reprodução autorizada, desde que citada a fonte.

Diagramação: Lisia Lemes - Lilemes Comunicação

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Seminário Internacional O artefato como documento: práticas,  
desafios e caminhos possíveis (3.: 2025: São Paulo).

Caderno de resumos [recurso eletrônico]: Seminário Internacional O  
artefato como documento: práticas, desafios e caminhos possíveis /  
Bruno Delmas... [et al.]. - Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). – São Paulo  
: Fundação Fernando Henrique Cardoso (FFHC), 2025.

ISBN 978-65-87503-61-5

1. Arquivologia. 2. Organização de acervos. 3. Descrição arquivística. 4.  
Objetos – Contexto. I. Delmas, Bruno. II. Fundação Fernando Henrique  
Cardoso. III. Título. IV. Série.

CDU – 930.25

---

Jéssica Almeida – Bibliotecária – CRB-8/10593



# **Comissão** organizadora

Camilla Campoi

Jéssica Almeida

Laura Mollo

Renata Bassetto de Oliveira

Silvana Goulart

Stela Martins

# **Sumário**

Apresentação .....	7
Conferências.....	8

# Apresentação

A Fundação Fernando Henrique Cardoso promove, nos dias 3 e 4 de setembro de 2025, o Seminário Internacional “O artefato como documento: práticas, desafios e caminhos possíveis”.

Neste Caderno de Resumos constam as ementas das conferências que serão apresentadas pelos palestrantes, especialistas nas temáticas abordadas.

Arquivos, bibliotecas e museus lidam de diferentes maneiras com a presença, em seus acervos, de objetos materiais cuja funcionalidade original cedeu lugar a valores simbólicos. Este evento visa discutir os procedimentos metodológicos a que eles devem ser submetidos para sustentarmos seu estatuto documental e, conseqüentemente, subsidiarmos a elaboração de instrumentos de pesquisa.

Algumas questões permeiam o encontro: como os museus, arquivos e centros de memória lidam com os objetos? Como encaminhar as questões operacionais relacionadas a sua tipologia e contextualização para descrevê-los em instituições de guarda de acervos? Para discutir tais questões, o seminário buscará confrontar experiências de tratamento de tais objetos e levantar possibilidades em torno da presença deles em acervos.



# 3 de setembro

## 9h - Abertura



### **SERGIO FAUSTO**

Diretor Geral da Fundação Fernando Henrique Cardoso, co-diretor do Projeto Plataforma Democrática e coeditor da série de livros “O Estado da Democracia na América Latina”. Integra o Grupo de Análise da Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo (Gacint-USP).

## 9h20 - Conferência de abertura:

### **A importância dos objetos nos arquivos**



### **BRUNO DELMAS**

Professor emérito de Arquivística, Diplomática e História das Instituições na École Nationale des Chartes (Paris) e ex-presidente da Academia de Ciências de Ultramar. Atuou como consultor em diversos países e lecionou em universidades da Europa, África, Ásia e América. Esteve em várias ocasiões no Brasil e no Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC), pelo qual publicou *Arquivos para quê?*, em 2010.

## RESUMO

Durante muito tempo, os objetos nos arquivos foram raros. Ao contrário dos arquivos escritos, chamados de arquivos por natureza, os objetos incluídos em processos judiciais, por exemplo, utilizados como prova, são considerados arquivos por destinação. A sociedade moderna multiplicou os suportes e as formas de escrita e criou — ou multiplicou — objetos que são arquivos por natureza ou por destinação (discos, filmes etc.). As instituições de preservação que surgiram a partir disso devem reconhecer sua natureza e respeitá-la.

## **Questões jurídicas em torno de objetos em acervos presidenciais no Brasil**

A mesa aborda os aspectos jurídicos relacionados a propriedade e custódia de objetos vinculados aos acervos de ex-chefes de Estado. A partir do contexto brasileiro, serão discutidos os limites entre esfera pública e privada, a legislação aplicável a bens de ex-presidentes e os desafios enfrentados por instituições que conservam esses acervos.

### **Conferências:**

#### **Artefatos em acervos presidenciais:**

imprecisões conceituais e ambiguidades legais

#### **Quando o passado vira patrimônio:**

regime jurídico dos acervos presidenciais no Brasil

## **Artefatos em acervos presidenciais: imprecisões conceituais e ambiguidades legais**



### **RENATO DE MATTOS**

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense. Coordena o projeto de pesquisa “Arquivos presidenciais brasileiros no Rio de Janeiro: inventário do patrimônio documental e difusão do potencial histórico-cultural”, desenvolvido no âmbito do programa Jovem Cientista do Nosso Estado, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

### **RESUMO**

Reconhecendo as ambiguidades dos dispositivos legais que regem os acervos presidenciais brasileiros e suas implicações práticas para a preservação e difusão do patrimônio documental da nação, esta comunicação problematiza os critérios que orientam a distinção entre o público e o privado no conjunto de documentos produzidos e acumulados pelos mandatários da República. Para além da dimensão jurídica que a temática envolve, a análise fundamenta-se no referencial teórico-metodológico da Arquivologia, com destaque para as contribuições dessa área a respeito dos atributos dos artefatos e de outros documentos de arquivo não convencionais.

# Quando o passado vira patrimônio: regime jurídico dos acervos presidenciais no Brasil



## CARLOS ARI SUNDFELD

Professor Titular da Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Doutor e mestre pela Faculdade de Direito da PUC-SP, é presidente da Sociedade Brasileira de Direito Público (SBDP).

## RESUMO

A disciplina jurídica atual relativa à formação dos acervos documentais privados de Presidentes da República do Brasil é regulada pela Lei nº 8.394, de 1991, e pelo Decreto nº 4.344, de 2002. Embora essas normas suscitem críticas, há razoável clareza quanto aos critérios para definir os bens que compõem o acervo presidencial privado, quanto às limitações ao direito de disposição sobre esses bens e quanto ao controle público sobre o acervo. A aplicação desse regime jurídico passou por instabilidades, em razão de sua rejeição inicial por decisões do Tribunal de Contas da União, em casos de grande repercussão midiática. Superada mais recentemente essa rejeição, o regime legal em vigor deve ser respeitado. De qualquer modo, há espaço para refletir sobre sua adequação e suficiência, para eventuais aprimoramentos.

## MEDIAÇÃO



## SERGIO FAUSTO

Diretor Geral da Fundação Fernando Henrique Cardoso, co-diretor do Projeto Plataforma Democrática e coeditor da série de livros “O Estado da Democracia na América Latina”. Integra o Grupo de Análise da Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo (Gacint-USP).

## **Reflexões sobre o tratamento de objetos em acervos**

Como os museus, arquivos e centros de memória lidam com os objetos? Esta mesa reúne experiências brasileiras e francesas para discutir como as instituições abordam o estatuto documental dos objetos em seus acervos. Em pauta, metodologias de tratamento técnico de tais documentos, critérios privilegiados nas diferentes abordagens e práticas institucionais.

### **Conferências:**

**O lugar dos objetos nos serviços de arquivos:**  
um panorama das práticas francesas

**Acervos de instituições científicas e de cientistas:**

entre cadernos de laboratório, coleções biológicas e microscópios

**Nos caminhos de Ema Klabin:**  
signos e narrativas

## O lugar dos objetos nos serviços de arquivos: um panorama das práticas francesas



### LUCILE SUIRE

Responsável pelo projeto de Usos Digitais nos Archives Départementales du Calvados (Caen, França). Sua atuação concentra-se na relação com os usuários, investigando como tornar as ferramentas digitais mais acessíveis, compreensíveis e úteis para diferentes públicos. Durante o mestrado em Arquivística na Université Angers (França), organizou, em colaboração com colegas, uma jornada de estudos dedicada ao tema dos objetos nos arquivos.

### RESUMO

Em 2023, a partir de entrevistas semiestruturadas e de um questionário distribuído em âmbito nacional, os estudantes do segundo ano de mestrado em Arquivos apresentaram e analisaram as práticas relacionadas aos objetos dentro dos arquivos. Desde sua origem até sua aquisição, passando por questões de conservação e tratamento, os objetos evidenciam a existência de um paradoxo no cerne da profissão arquivística. Qual é o olhar que os arquivos lançam sobre os objetos e quais as consequências disso na sua aquisição e conservação?

# Acervos de instituições científicas e de cientistas: entre cadernos de laboratório, coleções biológicas e microscópios



## PAULO ELIAN

Doutor em história pela Universidade de São Paulo, é pesquisador do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. É professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz. Foi diretor da Casa de Oswaldo Cruz entre 2013 e 2021. É autor dos livros *Arquivos de cientistas: gênese documental e procedimentos de organização* (ARQ-SP, 2012) e *Arquivística no laboratório: história, teoria e métodos de uma disciplina* (Teatral; Faperj, 2010).

## RESUMO

A aventura científica percorre diferentes caminhos. Sua base é o laboratório, mas ela se estende para “outros lugares”. Cientistas atuam no ensino, investem na formação de jovens pesquisadores, realizam estudos no campo, criam e participam de sociedades científicas, assumem funções de gestão, tomam posições no debate público e ocupam postos em organismos nacionais e internacionais. Lugar de estudo experimental, o laboratório associa conhecimento científico e objetivos práticos e, para tal, reúne pessoas, instrumentos e equipamentos, produtos químicos e animais de experimentação. São ambientes híbridos, de alta complexidade e diversidade documental, que não podem ser controlados por um saber específico ou submetidos a conceitos que não se encaixam nessa realidade singular e diversa. Ao se depararem com acervos formados nesses ambientes, os profissionais da arquivologia têm como tarefa compreender o que são e que funções cumprem as diferentes formas e os registros documentais da ciência, tratados como parte de um todo orgânico que denominamos “arquivo”. O objetivo desta palestra é problematizar as abordagens e as práticas adotadas no tratamento desses acervos, a partir da experiência da Fundação Oswaldo Cruz. Para tanto, partimos do pres-

suposto de que os laboratórios não comportam um único olhar disciplinar que os reduza a um tipo de estrutura organizacional superada pelos arranjos da ciência do século 21. Podemos assim acionar a ideia de transdisciplinaridade para a abordagem de “objetos transdisciplinares”, de forma a combinar metodologias de diferentes disciplinas a serviço da geração de novos conhecimentos.

## Nos caminhos de Ema Klabin: signos e narrativas



### PAULO DE FREITAS COSTA

Arquiteto e mestre em Artes pela Universidade de São Paulo. Em 1997 iniciou a catalogação da Coleção Ema Klabin, passando a atuar como curador da casa museu em 2001, após realizar um programa de pesquisa de um ano na National Gallery of Art, em Washington D.C. Publicou *Sinfonia de objetos* (Iluminuras, 2007) e, pela Fundação Ema Klabin, *A casa da rua Portugal* (2014), *A Coleção Ema Klabin* (org., 2017), *Porcelana europeia* (2018) e *Faca, colher e garfo: uma história* (2022), entre outros.

### RESUMO

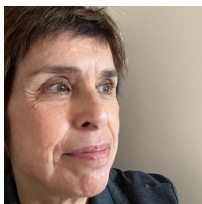
Ema Klabin formou, ao longo de sua vida, uma grande coleção de caráter panorâmico, indissociável da casa e dos ambientes que construiu e criou para abrigá-la. Múltiplos tempos da história da arte estão nela representados, entre um bronze arcaico chinês do século 14 a.C. e uma gravura brasileira da década de 1980. Com suas mais de 1.600 peças, a coleção contém exemplares das mais variadas procedências e técnicas, e seu denominador comum – seu fio condutor – é o período da vida de Ema Klabin e o julgamento estético e histórico que norteou suas escolhas, no âmbito de uma cultura feminina.

O estudo dessa coleção diversificada e panorâmica sempre trouxe muitos desafios. Em sua etapa inicial, realizada com a catalogação,

nossa preocupação maior estava concentrada em confirmar a autenticidade e as atribuições das obras, tomando como base uma relação descritiva da coleção realizada em 1991 por Marcelo Mattos Araujo junto à colecionadora. Ao mesmo tempo, por meio da investigação do rico arquivo documental de Ema Klabin, pudemos reconstituir uma história da formação da coleção, inserindo-a em um contexto histórico, cultural e social mais amplo. Essa narrativa serviu de base para a realização da exposição *Universos sensíveis: As coleções de Eva e Ema Klabin*, em 2004, e para a publicação do livro *Sinfonia de objetos* (Iluminuras, 2007).

A abordagem das pesquisas em um museu-casa de colecionador tem suas especificidades. Não se trata apenas de compreender cada objeto exclusivamente do ponto de vista do momento de sua criação, mas também de buscar todos os significados que a ele foram atribuídos ao longo do tempo, inserindo-o assim na história do colecionismo. A coleção, como conjunto fechado, porta inúmeros signos, materiais e imateriais, possibilitando a construção de diversas narrativas, em uma abordagem multidisciplinar.

## MEDIAÇÃO



### SILVANA GOULART

Mestre em História pela Universidade de São Paulo, publicou em livro sua dissertação *Sob a verdade oficial* (Marco Zero, 1990), referente à imprensa e propaganda no período do Estado Novo. Especializou-se em Arquivologia e publicou os livros *Tempo e circunstância* (IFHC, 2007), que traz uma proposta metodológica para o tratamento de arquivos pessoais, e *Centros de memória: uma proposta de definição* (Sesc São Paulo, 2015), ambos em coautoria com Ana Maria Camargo. É consultora da Fundação Fernando Henrique Cardoso e sócia da Grifo Projetos Históricos e Editoriais, onde trabalha com a criação de centros de memória e gestão de documentos históricos.



## 4 de setembro

10h - Mesa 3:

### **Os desafios da nomeação de objetos na organização de acervos**

Nomear objetos pode representar um desafio no tratamento técnico desses itens em acervos. A mesa discute os critérios adotados por arquivos e museus para nomear, catalogar e descrever objetos. O debate gira em torno dos desafios terminológicos enfrentados pelas instituições, da diversidade de olhares sobre um mesmo artefato e das escolhas metodológicas de tratamento possíveis. Um primeiro passo é reconhecer que a museologia é uma disciplina que oferece uma compreensão aprofundada dessa materialidade, e um segundo passo é não se restringir a ela como única possibilidade.

### **Conferências:**

**O objeto:** considerações sobre a documentalidade

**Os arquivos e a riqueza material** dos objetos

## O objeto: considerações sobre a documentalidade



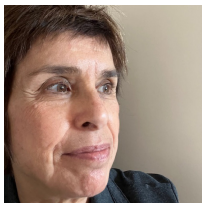
### **GISELLE PEIXE**

Museóloga, formada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Desenvolve, desde 1977, trabalhos de organização, implantação e revitalização de museus, documentação de acervos, curadoria, organização e montagem de exposições, treinamento de pessoal na área de museologia. Tem experiência em museus de arte e história, museus de empresa e projetos culturais ligados à memória e patrimônio, em vários estados brasileiros. Realiza coordenação editorial de publicações e participou da produção de vídeos na área de cultura. Prestou serviços a museus públicos e privados, centros de memória e coleções particulares.

### **RESUMO**

A experiência realizada junto ao acervo da Fundação Henrique Cardoso suscitou a oportunidade de muitas interações e trocas quanto ao tratamento de objetos integrantes do acervo daquela entidade. A museologia trouxe sua própria abordagem ao analisar objetos em sua individualidade e propõe como proceder à investigação de toda a gama de sentidos que uma peça de interesse patrimonial suscita. Identificar peças e conferir-lhes uma denominação faz parte do processo de tratamento, assim como determinar os aspectos vinculados à origem e procedência. Este trabalho busca levantar as questões próprias desse encontro entre arquivologia e museologia e como essa interação pode ser frutífera e produtiva.

# Os arquivos e a riqueza material dos objetos



## SILVANA GOULART

Mestre em História pela Universidade de São Paulo, publicou em livro sua dissertação *Sob a verdade oficial* (Marco Zero, 1990), referente à imprensa e propaganda no período do Estado Novo. Especializou-se em Arquivologia e publicou os livros *Tempo e circunstância* (IFHC, 2007), que traz uma proposta metodológica para o tratamento de arquivos pessoais, e *Centros de memória: uma proposta de definição* (Sesc São Paulo, 2015), ambos em coautoria com Ana Maria Camargo. É consultora da Fundação Fernando Henrique Cardoso e sócia da Grifo Projetos Históricos e Editoriais, onde trabalha com a criação de centros de memória e gestão de documentos históricos.

## RESUMO

Dentre as possibilidades de tratamento técnico de objetos em arquivos, vamos expor aquela desenvolvida no Acervo Pres. F. H. Cardoso, tributária da decisão metodológica de dar principalidade ao contexto na descrição dos documentos. A lógica instaurada a partir daí considera a *circunstância* de criação ou acumulação de cada item como explicação de sua presença no acervo. Essa lógica foi estendida aos objetos, cuja porta de entrada tem clara ligação com a vida do titular e suas funções.

## MEDIAÇÃO



## CAMILLA CAMPOI

Curadora do Acervo da Fundação FHC. Doutoranda e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), graduou-se em Arquivologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

### **Conservação de objetos em acervos**

A mesa aborda diferentes estratégias de preservação e gestão de reservas técnicas, com foco na conservação de objetos. Apresenta iniciativas de conservação preventiva, soluções para acondicionamento, práticas sustentáveis e formas de lidar com a diversidade material dos artefatos no gerenciamento dos acervos.

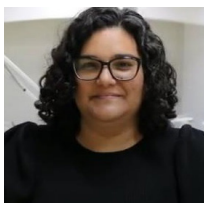
### **Conferências:**

**Objetos em arquivos:** desafios para a preservação da materialidade

**O legado tóxico dos tratamentos do passado:** pesticidas em acervos e os desafios contemporâneos da conservação

**Os objetos têxteis como documento:** o trabalho com o acervo de figurinos do Centro de Pesquisa Teatral (CPT)

## Objetos em arquivos: desafios para a preservação da materialidade



### **ALESSANDRA BARBOSA**

Conservadora-restauradora de obras gráficas. É mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e especialista em Conservação e Restauro de documentos gráficos no SENAI. Atualmente coordena o Laboratório de Conservação e Restauro do Centro de Memória-Unicamp.

### RESUMO

Em um universo predominantemente constituído por documentos que têm o papel como suporte, a preservação de objetos torna-se um desafio para arquivos e centros de documentação. Esta comunicação propõe uma reflexão sobre o tratamento de conservação destinado aos artefatos presentes nessas instituições, com ênfase em questões relacionadas à sua guarda e à articulação com o tratamento técnico arquivístico. Serão apresentados caminhos de conservação preventiva, bem como estratégias e práticas voltadas à preservação desse tipo de acervo.

# O legado tóxico dos tratamentos do passado: pesticidas em acervos e os desafios contemporâneos da conservação



## **ANA CAROLINA DELGADO VIEIRA**

Bacharel e mestre em História pela Universidade de São Paulo, é técnica em Conservação e Restauro, especialista em Conservação de Materiais Arqueológicos e doutoranda pelo Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. É conservadora do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP) desde 2008 e responsável pelo diagnóstico de coleções e pela preparação de itens da coleção para exposições, empréstimos e pesquisa.

## **RESUMO**

A presença de pesticidas em objetos do patrimônio cultural representa riscos à saúde, à integridade material e à restituição de bens a comunidades de origem. Esta comunicação analisa o uso histórico desses produtos em instituições de guarda de acervos, destacando os impactos dessa prática na conservação de bens culturais, com foco no caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP). Ao revisar esses procedimentos, a pesquisa contribui para o debate sobre conservação preventiva e a adoção de práticas museológicas mais éticas, sustentáveis e socialmente responsáveis.

# Os objetos têxteis como documento: o trabalho com o acervo de figurinos do Centro de Pesquisa Teatral (CPT)



## FELIPE ANDRADE BATISTA

Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo, atua como pesquisador do Sesc Memórias, centro de memória do Sesc São Paulo, realizando o tratamento da documentação institucional e o atendimento de pesquisas e participando das ações de difusão do acervo. Atualmente, integra a frente de trabalho com o acervo do Centro de Pesquisa Teatral (CPT).

## RESUMO

O Centro de Pesquisa Teatral (CPT), localizado no Sesc Consolação, atua na formação de profissionais e na reflexão sobre o fazer teatral desde 1982. Ao longo dos anos, o grupo acumulou um acervo composto por diversos gêneros documentais, com destaque para os trajes de cena. A apresentação pretende refletir brevemente sobre a importância dos trajes teatrais como documentos e mostrar as etapas do processo de preservação realizado junto aos figurinos do CPT pela equipe do Sesc Memórias, centro de memória institucional do Sesc São Paulo.

## MEDIAÇÃO



## FLÁVIA VIDAL

Conservadora e restauradora desde 1999. Fundou seu ateliê em 2008 e, desde 2018, atua como conservadora-chefe do Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), coordenando estratégias de preservação e a montagem e desmontagem de exposições nacionais e internacionais. Também realiza conservação e acondicionamento de coleções públicas e privadas.

F U N D A Ç Ã O

---

F E R N A N D O

H E N R I Q U E

C A R D O S O